

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE HISTÓRIA

FERNANDO LAFUENTE

**ANTICLERICALISMO NAS MÚSICAS DE RAUL SEIXAS: AS CRÍTICAS
RELIGIOSAS EM SUAS MÚSICAS ANOS 70 E 80**

CRICIÚMA

2016

FERNANDO LAFUENTE

**ANTICLERICALISMO NAS MÚSICAS DE RAUL SEIXAS: AS CRÍTICAS
RELIGIOSAS EM SUAS MÚSICAS ANOS 70 E 80**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciatura no curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Cultura Política, Trabalho e Relações de Poder.

Orientador: Prof. Dr. Ismael Gonçalves Alves

CRICIÚMA

2016

FERNANDO LAFUENTE

**ANTICLERICALISMO NAS MÚSICAS DE RAUL SEIXAS: AS CRÍTICAS
RELIGIOSAS EM SUAS MÚSICAS ANOS 70 E 80**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciatura, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Cultura Política, Trabalho e Relações de Poder.

Criciúma, 07 de dezembro de 2016

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ismael Gonçalves Alves – Orientador- UNESC

Prof. Me. Tiago da Silva Coelho- UNESC

Prof. Ma. Michelle Maria Stakonski Cechinel- UNESC

Dedico este trabalho a minha família que sempre estiveram ao meu lado, Meu pai Luis Antonio Lafuente, minha mãe, Maria Shirley Beretta Lafuente, meu irmão, Ivan Luis Lafuente, minha cunhada Andressa Biell Ventura, as minhas sobrinhas, Emanuela Lafuente, e a pequena, Isis Ventura Lafuente, a minha companheira, Leda Raquel Cretella, todos me dando maior apoio em todas minhas dificuldades, eu só tenho que agradecer eternamente. E a todos os raulseixistas que carregam dentro de si o legado do maluco beleza.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família que nos momentos mais difíceis que passei em minha vida com problemas que enfrentei e superei por fazer falsas escolhas, sempre acreditaram na minha superação e apostaram na minha recuperação, e sucessivamente nos meus objetivos que conquistei e outras ainda que estão por vir.

Nesses quatro anos de curso, a minha maior força, e superação foram meus pais que nunca mediram esforços, e sacrifícios para me ajudarem a concluir meu curso de História Licenciatura. Mesmo com todos os problemas fizeram o possível e o impossível para me fortalecer a não desistir de meus sonhos, onde não tenho palavras para agradecer por tudo que sempre fizeram para minha pessoa ontem, hoje e sempre. Obrigado!

Aos Doutores, Mestres e professores do curso de história que sempre foram ótimos educadores e me ajudaram na minha formação acadêmica. E ao meu orientador, Dr. Ismael Gonçalves Alves muito obrigado.

“Cada vez que eu cumprimentava uma pessoa, dava três giros em torno do próprio corpo. Eu era o próprio rock. Eu era Elvis quando andava e penteava o topete. Eu era alvo de risos, gracinhas, claro. Eu tinha assumido uma maneira de vestir, falar e agir que ninguém conhecia. Claro que eu não tinha consciência da mudança social do rock implicava. Eu achava que os jovens iam dominar o mundo”.

(Raul Seixas)

RESUMO

Com o golpe civil militar de 1964, o Brasil foi governado por vinte e um anos por uma ditadura que só terminou em 1985, alguns opositores ao regime sofreram prisões, torturas, e exílio. Dessa forma os movimentos sociais, estudantis, os meios de comunicações, a classe cultural entre outros, foram reprimidos por se posicionarem contra o regime vigente brasileiro em que eram vistos como “comunistas” e tinham que serem eliminados segundo os militares que governavam o país. Nesse contexto a música foi uma arma de contestação contra a postura autoritária do governo em que algum artista musical se apropriava de suas músicas com intuito contestar a ditadura. Nesse clima político e social que vivia o Brasil, Raul Seixas usou de sua música, com intuito de contestar tanto a política da época e o conservadorismo religioso de algumas igrejas. O anticlericalismo sempre fez parte na carreira do artista, Raul Seixas tinha uma inteligência de através de suas canções expor suas idéias aos seus ouvintes. O baiano Raul Seixas passou por várias experiências nos seus mais de vinte anos de vida artística, desde músicas censuras, prisão e exílio por conta que o Brasil vivia em uma ditadura militar, envolvimento com ocultismo, e principalmente anticlericalismo que é o foco principal desse trabalho e suas críticas contra a religiosidade brasileira por conta do conservadorismo de alguns cristãos. O objetivo é analisar algumas músicas do artista musical na década de setenta a oitenta que utiliza as letras com intuito de contestar a intolerância religiosa de alguns religiosos que o cantor por toda a sua carreira artística foi criticado por setores de algumas igrejas por sua postura de roqueiro rebelde.

Palavras – chaves: Raul Seixas. Música. Ditadura Civil Militar. Anticlericalismo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Carteirinha do Fã Club Elvis Rock Brasil.	19
Figura 2 - Raul Seixas e Waldir Serrão, final dos anos 50 “Os primeiros passos ao som de Elvis”	20
Figura 3 - Disco novo Aeon 1975 Raul Seixas com estilo “revolucionário”.	23

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 CONTEXTO SOCIAL, POLÍTICO E ECONÔMICO DOS ANOS 60 A 80 NA QUAL AS MÚSICAS FORAM PRODUZIDAS	11
3 ASPECTOS DA RELIGIOSIDADE PRESENTE NA TRAJETÓRIA DE VIDA DE RAUL SEIXAS	18
4 ELEMENTOS DA RELIGIOSIDADE, E CRITICAS DE RAUL SEIXAS.....	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia tem por objetivo analisar através de algumas músicas de Raul Seixas o anticlericalismo e a intolerância religiosa de algumas igrejas. O músico apresentava suas idéias em um momento no qual o Brasil era governado por um regime militar que conquistaram através de um golpe civil militar em 1964. Nessa época o governo utilizava vários métodos de perseguições contra alguns de seus opositores.

As músicas de Raul Seixas sempre me chamaram atenção, pois minha infância sempre foi rodeada de “raulseixistas”. Seu estilo irreverente, anárquico, simples, e acima de tudo, crítico social me motivaram a esta pesquisa, pois as suas canções são extremamente filosóficas, políticas, místicas, e contestadoras.

O papel das músicas de Raul Seixas nos leva a compreender como o artista usava a metáfora para fazer letras em que contestava o sistema vigente da época.

sem sofrer com A censura não perdoava alguns artistas que utilizavam suas letras para expressar suas idéias, e assim os censores poderiam vetar tanto por motivos políticos, ou de proteção da moral vigente.

O fato é que, Raul Seixas, não criticava apenas o Estado, também o conservadorismo religioso de algumas igrejas.

Frente a isso, este estudo procura elucidar a seguinte questão: o anticlericalismo em algumas músicas de Raul Seixas, e porque o artista criticava algumas igrejas cristãs dos anos setenta e oitenta?

“Para as religiões urbanas [...], a perseguição à sexualidade elemento essencial da felicidade, é técnica características de todas as tiranias (patriarcal, política, ou religiosa)”. (LUCENA, 2009, p. 61)

O intuito desse trabalho é explicitar a contestação religiosa em algumas músicas de Raul Seixas. E assim, o artista musical é um dos maiores cantores e compositores da música brasileira.

O trabalho é focado em três capítulos. No primeiro momento expressar o contexto econômico social e político em que vivia o Brasil, no segundo, a vida e a obra de Raul Seixas, e no terceiro, algumas músicas do artista onde o cantor em suas letras expressava o anticlericalismo.

A metodologia utilizada para o estudo foi através de pesquisas bibliográficas ou pesquisa científica, e alguns materiais que estão disponíveis

utilizadas como fonte histórica, livros, artigos, teses, e pesquisa do meio virtual sobre os temas. Conforme Lucena (2009), dezenas de artistas gravaram suas músicas mais conhecidas. Matérias especiais, livros, filmes, teses, monografias...

E assim sucessivamente podemos analisar as letras de suas músicas que contestava o anticlericalismo, com isso com muita criatividade Raul Seixas expressava suas idéias através de suas letras musicais contestadoras.

2 CONTEXTO SOCIAL, POLÍTICO E ECONÔMICO DOS ANOS 70 A 80 NA QUAL AS MÚSICAS FORAM PRODUZIDAS

Entre os anos de 1970 a 1980, o Brasil passou por uma série de conturbações e mudança políticas e econômicas, que impuseram transformações nas produções culturais e na sociedade em geral. O dia 01 de abril de 1964 foi marcado por um golpe civil-militar articulado por alguns setores militares, da classe média, dos grandes empresários, e da igreja, que com o apoio dos Estados Unidos da América. Com a queda do presidente João Goulart, ficava eliminada a possibilidade de democracia e de reformas sociais tão aguardadas pelas camadas populares do país. O período de 1964 à 1985 ficou caracterizado pela falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos cidadãos em que posicionavam contra o regime militar. De acordo com Modelon (2013):

João Goulart governa o Brasil em um período de intensas lutas por interesses, conquista de direitos, ou permanência de privilégios no âmbito nacional no qual, grupos percebem que poderiam ganhar espaço na esfera política e assim obter a concessões de suas reivindicações. Em um cenário de anseios, os particulares e proclamação de direitos gerais, Goulart se encontra pressionado, pelos conservadores que o considerava “uma ameaça, pois seu governo possibilitaria a entrada do comunismo no país e a instauração da República Sindicalista” e pelas forças de esquerda “ressaltava sua ausência de liderança de esquerda capaz de agregar e neutralizar os segmentos radicais”[...]No caso da ditadura civil militar brasileira, um regime autoritário, onde os dirigentes do Estado eram os controladores das armas ao invés de imbuídos de autoridade legitimada democraticamente, o conceito de ditadura pode ser compreendido a partir de uma reflexão sobre o poder, como um modelo de governo que, por não possuir um poder legítimo e reconhecido socialmente, utiliza a violência para se legitimar, empreendendo-a contra seus inimigos. [...] No período ditatorial brasileiro a violência foi uma característica efetiva, dirigida contra os inimigos criados pelo próprio Estado e que supostamente ameaçavam a Pátria (a democracia, a cristandade e a família) e se personificavam no comunismo e em todos aqueles que contestavam de algum modo o governo vigente. No entanto, o regime sempre se manteve atrás de máscaras, apresentando-se como guardião da democracia e da paz social, de modo que, apesar de a violência ser calamitosa a mesma não se fazia notória, aparecia de formas veladas ou sendo encoberta. Isso porque o regime desenvolveu mecanismos de controle que configuravam através da repressão, o autoritarismo do Estado. (p.15).

É importante salientar que na metade do século XX, o mundo foi dividido por dois grandes blocos ideológicos representados pelos Estados Unidos da América e pela já extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, que

disputavam áreas de influência em todo planeta visando construir um espaço hegemônico de atuação.

Desta forma, foi por meio da defesa de tais ideais que os EUA passaram a financiar golpe militares, e ditaduras em todo o mundo, principalmente na América Latina, onde em 1964 ajudaram a derrubar o presidente João Goulart, devido suas ideias progressistas, que contrariavam os setores mais conservadores do país que não estavam dispostos a abrir mão de seu status quo.

Globalmente, o mundo ainda encontrava-se em meio a Guerra Fria, bipolarizado pelas forças capitalistas e socialistas, EUA e União Soviética respectivamente. O avanço da ideologia socialista e a Revolução Cubana, recente e vitoriosa, aumentavam o interesse e a presença norte americana na América Latina. Em 1964, no panorama em que aconteceu o golpe, encontrava se no poder João Goulart com a proposta das “reformas de base” [...]. (MODELON, 2013, p, 22)

A perseguição aos adversários do regime começou no início do próprio golpe se tornado cada vez mais violento contra seus opositores nos anos 70, no qual o uso da violência e da tortura se tornou legitimados na tentativa de barrar o suposto avanço das forças comunistas no país.

Essa época ficou marcada pela promulgação de vários Atos Institucionais que colocavam em prática e legitimavam a censura e a perseguição política. As pessoas que eram contrárias o regime militar viviam um dilema, pois se ficassem no país a qualquer momento poderiam ser presas, torturadas e mortas, desta forma restava aos mesmos a luta armada ou o exílio:

Quando a década de 70 começou, vivia-se no Brasil o período mais dura da ditadura militar implantada em 1964[...]a censura estava instutualizada,a tortura aos presos políticos corria solta. A repressão e o clima de terror que o Estado ditatorial impôs em nome da “segurança nacional” e do “combate à subversão comunista” haviam desagregados e reduzido ao silêncio os movimentos sociais. (HABERT,1992,p.8).

Sucessivamente nessa época, os poucos meios de comunicações independentes que restavam no país foram cotidianamente perseguidos pela censura, e toda sua produção jornalística passava por um minucioso processo de averiguação para que posteriormente fossem publicadas. Assim, emissoras de

televisão, rádio, peças de teatro e músicas, estavam expostos a vontade e diretrizes dos agentes da ditadura.

No campo econômico, o Brasil parecia ter alcançado o caminho do desenvolvimento instaurando-se no país um verdadeiro “Milagre Econômico” fomentado pelos sucessivos investimentos do governo militar em alguns setores estratégicos das indústrias e do sistema de infraestrutura nacional.

Este crescimento econômico foi utilizado pelos ideólogos do Regime Militar como propaganda política e abrandando de certa forma a imagem dos governantes como o Brasil estava melhor no governo Militar, do que anteriormente. O crescimento econômico foi algumas estratégias que o governo militar utilizou para convencer a população brasileira de que o país estava no caminho certo, como ressaltam Brandão e Duarte:

Com o endurecimento do regime político-militar, a partir da decretação do AI-5, legitimado a censura prévia a todos os veículos de comunicação em território nacional, o Brasil viveria até meados da década de 70 num verdadeiro clima de terror político, que se refletiria num forte controle de produção cultural do país. Desde final dos anos 60 e início dos 70, a peça teatral, o livro o filme, enfim o produto cultural que os censores julgassem inadequado ao momento político e ofensivo ao Estado seria proibido e seus autores ficariam sob a estreita vigilância do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). Foi nessas condições político-jurídicas que se deu um amplo crescimento da economia interna do país. Com os trabalhadores coagidos ao trabalho sob um regime de força, sem greves nem protestos e com arrochos salariais, intensificou-se a produção, conseguido durante três ou quatro anos sucessivos, os meios de comunicação chamaram de “milagre econômico.” (Brandão, Duarte, 1995, p.84).

Neste contexto, o país via surgir o movimento tropicalista. A Tropicália surgiu no Brasil no final da década de 60 e foi um dos movimento artístico mais importantes dessa época. Os tropicalistas tinham como estilo roupas coloridas, cabelos compridos, impactando diretamente com os padrões comportamentais requeridos pela sociedade. A Tropicália foi um dos mais importantes movimentos de contestação a ditadura militar, e em suas letras de música abordavam críticas de forma camuflada, e revelavam as arbitrariedades do regime. Alguns artistas sofreram intensas perseguições e em alguns casos chegaram a ser presos, torturados, e exilados do país.

Sem dúvida, a produção cultural durante os anos da ditadura foi marcada pelo clima de censura e repressão, de vigilância dirigida principalmente contra o pensamento crítico e inovador que não se submetia a ideologia dominante. (HABERT,1992,p.74).

Com o crescimento dos movimentos sociais de contestação o governo promulgou vários atos constitucionais com o intuito de barrar a ameaça “comunista”, pois segundo os militares era obrigatório para o país o retorno da “ordem e progresso”. O principal Ato Institucional promulgado pelo governo militar foi o AI 5, com esse Ato a ditadura militar ficou mais pesada contra os opositores ao regime.

Os anos 70 representam um momento conturbado da história brasileira. O decreto do Ato Institucional número 5, em 1968, mostrou para a sociedade a face mais dura do então vigente governo militar, o congresso foi fechado e a repressão e a censura aumentaram. [...] (REZENDE, 2010, p, 34).

Com o AI 5 o regime militar suspendeu os direito de cidadania dos brasileiros legitimando as perseguições contra os opositores do governo e extinguindo as garantias individuais constitucionais como *habeas corpus* e o direito de livre reunião. A partir de então, as autoridades militares usaram cada vez mais da violência e vários métodos de torturas com a finalidade capturar os cidadãos considerados subversivos. Logo após a publicação do AI-5, vários jornalistas e políticos foram lançados na cadeia.

Em meio a censura, os artistas começaram a publicar seus trabalhos de modo que o governo não percebesse suas mensagens. Cantores como Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil e Raul Seixas escreviam as letras de suas músicas metaforicamente, para contestar o sistema vigente e expressar seu descontentamento com o regime. Cada vez mais autoritário o governo militar deparou-se com surgimento de guerrilhas de esquerda, os movimentos sociais e estudantis engajados na luta pela democracia cada vez mais crescente desde o golpe de 1964.

É neste contexto de insatisfação social que a música ganha cada mais peso como instrumento contestatório ao regime militar. Na segunda metade da década de 1960 há uma explosão dos festivais da canção, sobretudo os festivais da TV Record de São Paulo, coincidindo também com o crescimento da agitação estudantil. Vários cantores utilizavam de suas letras para criticarem a ditadura, e nos

festivais manipulavam a poesia de suas músicas para construir um espaço de enfrentamento a ditadura.

Antes do AI-5 já existiam alguns artistas da MPB que eram vistos como inimigos da ditadura. A atuação dos agentes repressores no meio musical vai de 1967 a 1982, segundo documentos do DOPS, disponíveis no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e de São Paulo. Podem ser citados Caetano Veloso, Gilberto Gil, Geraldo Vandré e Chico Buarque. Os dois primeiros eram tropicalistas, grupo que falava muito mais de contracultura que de questões políticas, estava muito mais próximos dos acontecimentos de Maio de 1968 em Paris que das doutrinas de esquerda que vigoravam na época. Mas para os militares isto não fazia muita diferença, ou não era reconhecido. (FERREIRA, 2013, p.47).

Conforme a citação acima destacada, antes mesmo do AI 5 já haviam perseguições aos artistas e todas as pessoas que eram contra o regime de exceção, com o Ato Institucional Número 5, as perseguições e prisões se tornaram muito mais frequentes e pesadas contra os opositores. Mesmo com a censura, a cultura brasileira não deixou de denunciar os abusos praticados pelos órgãos de repressão, no qual alguns compositores foram exilados do país como, Caetano Veloso, Gilberto Gil, entre outros. No caso específico da Tropicália, movimento que encabeçava, de certa forma, a crítica cultural a ditadura, o autor Ferreira disserta:

Odiados pela direita, por causa de suas atitudes provocadoras, e longe dos padrões estéticos restritos da cultura engajada proposta pela esquerda, a Tropicália pagaria o preço de sua ousadia com o seu próprio fim [...], a partir de 1968, a repressão política que desarticulou os movimentos populares de esquerda, formados após o golpe de 64, começava a agir os setores estudantil e intelectual, que eram focos das agitações de massa contra a novo regime [...], iniciou-se um período de muitas cassações, prisões, torturas, assassinatos e grande silêncio nos meios estudantis, sindicais, intelectuais e artísticos, que perdurou até meados da década de 70. (Brandão, Duarte, 1995, p74-75).

As organizações de esquerda foram extintas ou sofreram intervenções do governo ficando na clandestinidade, esses enfrentamentos da ditadura contra a oposição, provocou a denúncia de violação dos direitos humanos por parte do regime, que sem o apoio majoritário da população e dos órgãos internacionais aos poucos foi enfraquecendo. Aproveitando-se dessa situação os movimentos sociais foram cada vez mais ganhando as ruas e o regime aos poucos foi se enfraquecendo.

No decorrer da segunda metade da década de 70, foram se multiplicando atos de contestação e de protesto, passeatas e manifestações amplas de oposição, as ruas foram tomadas pelos movimentos estudantil, popular,

operário, de mulheres, alargando o espaço de abertura e revelando que havia não só uma crescente opinião pública contrária ao regime em geral, como também uma diversidade de interesses e reivindicações específicas, de forma de expressão e de organização dos vários setores da sociedade (HABERT,1992,p.51).

Com a crescente pressão dos movimentos sociais, aos poucos alguns setores que apoiaram o golpe de 1964 como políticos e a Igreja, se viram numa encruzilhada, pois cada vez mais a ditadura se tornava violenta e a volta da democracia tornava-se um imperativo. Além da falta de apoio, o governo também enfrentou uma série de crises econômicas que enfraqueceram seu poder de convencimento e sustentabilidade do regime.

Com o processo paulatino de abertura, os exilados políticos começaram a voltar ao Brasil e aos poucos soltos das prisões e assim tentarem conviver com seus amigos e familiares, no entanto alguns ficaram com sequelas das torturas sofridas.

No segundo semestre de 1979, os exilados políticos começaram a voltar [...], o ano de 1979 assistiu a generalização do movimento grevista por praticamente todos os estados do País envolvendo milhões de trabalhadores da cidade e do campo [...], além de metalúrgicos, pararam motoristas e cobradores de ônibus, professores, funcionários públicos, lixeiros, médicos, enfermeiros, jornalistas, trabalhadores da construção civil, bancários etc. (HABERT,1992,p.62)

E assim, sucessivamente, o Brasil entra na década de 80 com o povo desiludido com o sistema político do país onde vivia, e aos poucos passou a exigir real abertura política. Vários setores da sociedade brasileira, bem como partidos políticos de oposição, com a intensa participação de lideranças sindicais, civis, artistas, estudantes entre outros, abraçaram a causa democrática e se engajaram no tema abertura política e na eleição direta para presidente. O movimento das Diretas Já foi um dos movimentos de maior participação popular, tendo início no começo dos anos oitenta com muitas lutas a favor da democracia, conseguindo restabelecer o voto livre em 1989.

Foi neste contexto de agitações e transformações na economia, na sociedade e na política entre 1960 a 1980, que o cantor e compositor Raul Seixas viu-se envolto na censura contrariando as diretrizes do regime civil-militar, e contestando o conservadorismo de algumas igrejas cristã.

Raul Seixas foi o cronista de uma época, realizando pela via musical sua vocação [...] por outro lado, o roqueiro alcançou uma popularidade que foi

além do período histórico em que ele viveu [...]". todos os valores de alguém que está almejando uma estabilidade são cantados com um tom irônico e ao mesmo tempo, Raul Seixas, mesmo mais velho e mais experiente ainda se concentrava em incentivar uma postura não conformista. (BOSCATO, 2006, p.206).

Raul Seixas era militante do anarquismo, como declarava em suas músicas e entrevistas nos anos 80. Sua militância pela abertura política expressava suas idéias contra o sistema vigente brasileiro, contra o conformismo e o governo militar, aspectos estes que veremos no capítulo a seguir.

3 ASPECTOS DA RELIGIOSIDADE PRESENTE NA TRAJETÓRIA DE VIDA DE RAUL SEIXAS

Raul Santos Seixas nasceu em Salvador na Bahia no dia 28 de junho de 1945, e faleceu no dia 21 de agosto de 1989 em São Paulo capital, faleceu aos 44 anos de idade vítima de parada cardíaca causada por pancreatite crônica. Raul Seixas, como era conhecido, foi um cantor e compositor que simpatizava com história, filosofia, psicologia, literatura e latim, e aproveitava-se desses conhecimentos para compor as letras de suas músicas. Sua obra musical é composta por 17 discos em mais de 26 anos de carreira, com mais de 400 músicas, muitas delas censuradas.

Em sua carreira musical, o artista misturou diversos ritmos em suas músicas desde moda de viola, baião e rock, que podem ser percebidos em diversos momentos de sua carreira.

A música fez parte da vida de Raul Seixas desde a infância ouvia Elvis Presley, Chuck Berry, Little Richard e também boleros e baião, como Luiz Gonzaga e Genival Lacerda inspirações que o levaram a tocar sozinho seu violão, apaixonando-se posteriormente pelo rock norte americano.

Quando sua família se muda próximo ao consulado americano, Raul passa a ter contato com os filhos dos americanos que trabalham em Salvador, ele conhece o fenômeno musical chamado rock. O rock caipira e o som do blues dos negros sulistas chegavam nos discos emprestados de Elvis Presley, Little Richard, Fats Domino, Jerry Lee Lewis, Bo Didley e Chuck Berry. (FERREIRA, 2013,p.20).

A Família Seixas pertencia a classe média alta, e possuía razoável influência na sociedade soteropolitana. A casa dos Seixas encontrava-se nos arredores do Consulado Americano e esta proximidade favoreceu o contato do futuro cantor e compositor com admiradores do Rock, que por sua vez, lhes emprestavam alguns discos de importantes artistas norte-americanos dos anos de 1950. Com facilidade em aprender outros idiomas, em pouco tempo Raul já estava falando e cantando em língua inglesa. Posteriormente, passou a imitar Elvis Presley, tanto na dança como no modo de se vestir, esta atitude por sua vez, colocava-o em rota de colisão com a conservadora sociedade baiana. Como afirma Silvio Passos:

Tudo começa lá, quando ele Raul era garoto. Ele pegou um movimento, que eu acho que é o movimento mais importante que aconteceu [...] que mexe

com o comportamento das pessoas, com a maneira de enxergar o mundo, com a maneira de se relacionar. Tudo isso vai meio que num caldeirão. Que é o nascimento do Rock n' roll. O mundo até então tinha um padrão de comportamento, a sociedade, o papai, o filhinho, a família constituída, os filhos eram o reflexo exato do que o pai era, do que a mãe era, do que os tios eram. No modo de falar, no modo de se vestir. E quando surge o rock n' roll o que acontece... Essa molecada - o próprio Raul defende essa tese também - que a partir daquele momento começou a haver uma mudança, onde o rock n' roll chegava ele mudava o comportamento das pessoas.

A influência de Elvis Presley levou a Raul fundar junto com seu amigo Waldir Serrão, o Elvis Rock Club em 1959, que segundo Raul Seixas, foi o primeiro fã club de Rock do Brasil.

A imagem mostra a carteira de Elvis Rock Club, na qual Raul Seixas fazia parte no final dos anos 50. A carteira data o ano de 1944 como nascimentos de Raul, porém, o artista nasceu em 1945.

Figura 1 - Carteirinha do Fã Club Elvis Rock Brasil.



Fonte: <http://www.flogao.com.br/malucobeleza666/4430519> [visitado em: 31/10/2016]

Figura 2 - Raul Seixas e Waldir Serrão, final dos anos 50 “Os primeiros passos ao som de Elvis”.



Fonte: <http://www.flogao.com.br/raulsantosseixas/915926>. [visitado em: 31/10/2016]

Em 1962, Raul Seixas monta o seu primeiro grupo de Rock: “Os Relâmpagos do Rock” fazendo vários shows em clubes de Salvador e se apresentando na TV Itapoan. Desta forma, durante os anos 60, ainda adolescente, o artista se dedicou a profissionalizar a banda, investindo em instrumentos e composições. Em 1963 o grupo troca de nome e passa a se chamar “The Panthers” e logo em seguida como Raul Seixas era vocal, violão e guitarra, esta troca novamente seu nome passando a se chamar “Raulzito e os Panteras” em 1964.

Os Panteras tocavam rock norte-americano, tornando-se a banda mais bem paga para realizar shows em clubes e formaturas, levando-os a realizar aberturas de shows de cantores brasileiros de destaque como: Jerry Adriani, Wanderléa, entre outros.

Enquanto os Panteras atingiam o auge do seu sucesso, em 1964, começava a ditadura militar. A banda, apesar de já estar se mostrando como sendo de uma vertente mais crítica do rock, não se posicionou politicamente. O distanciamento da escola contribuiu para essa falta de envolvimento, uma vez que as manifestações se davam em grande parte dentro dos movimentos estudantis. O grupo era convidado a se apresentar na TV e no rádio, Era um dos grupos mais caros da Bahia, embora muitas vezes não recebessem o valor combinado pelo cachê. Tocavam com os artistas mais famosos da Jovem Guarda, como Roberto Carlos e Jerry

Adriani. Quando este os convida para ser sua banda de apoio em uma turnê no Rio de Janeiro é lançado o LP Raulzito e os Panteras pela ODEON. (FERREIRA, 2013, p.25).

Com sucesso na Bahia em 1967, os garotos da banda são convidados por Jerry Adriani para acompanhá-lo ao Rio de Janeiro e tentar a vida artística. Nessa época Raul estava namorando com uma norte-americana e os pais da garota, pastores protestantes, negavam a união do casal, pois Raul Seixas por se comportar com estilo rebelde, ser cantor de rock, era rejeitado pelos sogros.

Sua primeira tentativa de lançar-se no mercado fonográfico foi por meio de um disco com letras que falavam de amor, iguais as músicas cantadas pela Jovem Guarda. O disco da banda foi um fracasso, com baixa vendagem sequer era divulgado nas rádios, assim impactados pela falta de popularidade, Raul e os demais integrantes voltam para Bahia.

Anos mais tarde, 1970 Raul conhece o presidente da CBS em Salvador onde é convidado a trabalhar como produtor de discos de cantores da Jovem Guarda, com o fim do grupo o cantor vê neste convite a oportunidade de retornar ao mundo da música. Sua vida de produtor durou pouco tempo, apaixonado pela canção Raul grava em 1972, sem autorização da produtora, seu segundo disco a Sociedade da Grã-Ordem Kavernista Apresenta Sessão das Dez, com participação de Edy Star, Miriam Batucada e Sergio Sampaio.

Com toda essa confusão no ano de 1973, o artista estoura de vez. Ainda neste ano, ao ler uma revista alternativa que se chamava "A Pomba", um artigo sobre disco voadores, decide conhecer o autor do artigo, Paulo Coelho que era militante do movimento hippie e apaixonado pelo esoterismo.

A dupla logo se torna amigos e parceiros musical, compondo vários sucessos como: Al Capone, Rock do Diabo entre outros.

Em 1973 os parceiros musicais lançam disco Krig Hà Bandolo, o disco é sucesso em todo o país tornando Raul Seixas em um artista de reconhecimento nacional.

Tendo agradado ao público, Raul lança seu primeiro compacto, “Krig-Ha, Bandolo”, que vendeu milhares de cópias. Já não existe mais Raulzito. Raul Seixas agora manda mensagens em suas músicas, fala indiretamente de política e da sociedade. Raul já tinha 18 músicas censuradas e o LP foi lançado com 10 músicas compostas em parceria com o escritor Paulo Coelho. Nas letras o misticismo e o ocultismo, assuntos de interesse dos dois, eram também vastamente explorados. (FERREIRA, 2013, p.28).

E assim com enorme sucesso Raul Seixas e o seu grande parceiro musical Paulo Coelho gravam no ano seguinte o disco, Gita, ganhando o disco de ouro com mais 600 mil cópias vendidas. Além disso, Raul grava seu o primeiro vídeo clipe colorido para o fantástico com a música “Gita”. O grande sucesso deste LP fez com que outras músicas estourassem nas paradas de sucesso brasileiras, tais como: Trem das Sete, Medo da Chuva e Sociedade Alternativa.

Suas músicas não passaram despercebidas pelos agentes da ditadura, um exemplo disso foi a música Sociedade Alternativa, que mesmo antes de seu lançamento foi alvo da censura devido a crítica social nela contida. A Sociedade Alternativa tal a ideia de Raul e Paulo era a busca de liberdade contra todas as formas de opressões

Raul Seixas era contrário a repressão e a todo tipo de alienação que submete o indivíduo, assegura em sua Sociedade Alternativa o reconhecimento do indivíduo como único, repudiando o autoritarismo político, religioso, e até mesmo o autoritarismo familiar. (SOARES, 2009, p.12)

O regime militar via na sociedade alternativa um foco de um possível movimento revolucionário. E como declarado pelo próprio Raul esta era “uma coisa mais espiritual” no qual o intuito da dupla era formar uma nova sociedade, no modelo em que pregavam os hippies, uma liberdade individual.

Essa ideia não foi muito bem recebida pelo governo da ditadura, Raul e Paulo Coelho teriam então sido presos e deportados para os Estados Unidos. Lá Raul dizia ter se encontrado com o próprio John Lennon, e que durante três dias trocaram informações e fizeram planos para a concretização da Sociedade Alternativa. Quando voltou ao Brasil [...]. (FERREIRA, 2013, p.31).

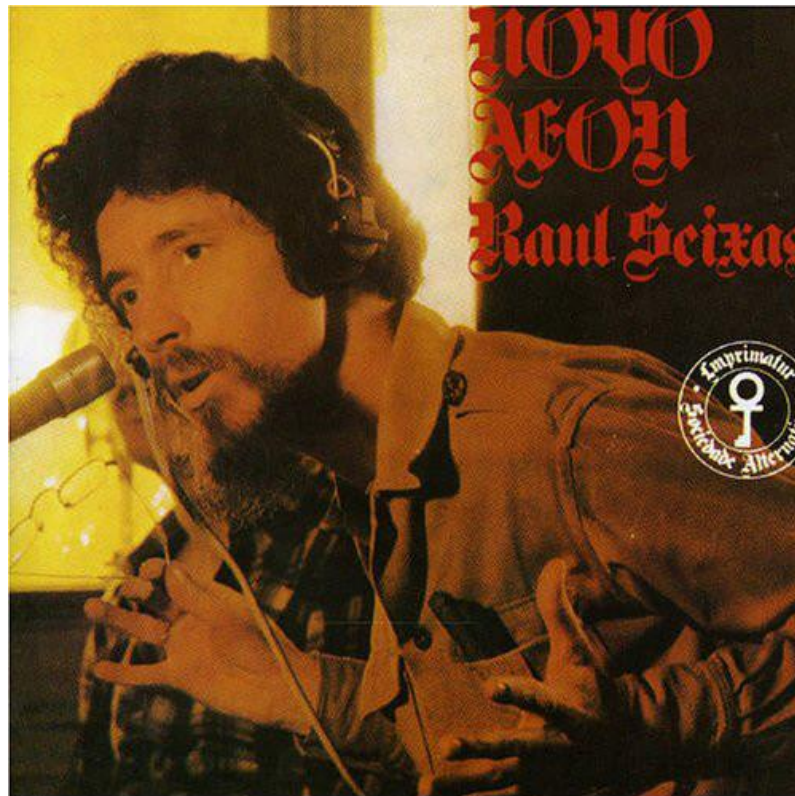
Observando o disco Novo Aeon de 1975, Raul Seixas aparece na capa em plena ditadura militar com uniforme de guerrilheiro, com charuto no bolso. O disco pode ser considerado uma grande defesa do direito de fazer o que se tem vontade pregado pelo mago ocultista Aleister Crowley.

De acordo com Boscatto, (2006, p. 61), “Novo Aeon o nome que ele dava a Era de Aquário no esoterismo exaltado pela contracultura”.

A sociedade alternativa foi uma ideia de Raul Seixas e Paulo Coelho baseada em Crowley que foi um estudioso ocultista Inglês, final do século XIX a começo de XX, e conhecido pela igreja como satanista.

“Raul Seixas teve certo envolvimento com o campo mágico, pois ele foi neófito de duas sociedades ocultistas ligadas a Aleister Crowley”. (BOSCATTO, 2006, p. 69)

Figura 3 - Disco novo Aeon 1975 Raul Seixas com estilo “revolucionário”.



Fonte: <http://rockcascadura.blogspot.com.br/2012/01/raul-seixas-novo-aeon.html> [visitado em 31/10/2016].

Em 1976 Raul lança o disco Há Dez Mil Anos Atrás, no qual encerra a parceria com Paulo Coelho. O disco foi um sucesso, puxado, sobretudo, pela música “Eu nasci há dez mil anos atrás”.

No disco, segundo o cantor Raul Seixas, ele fala do seu alcoolismo e detona imitadores e novos chatos da MPB, e usa a religiosidade com muito sarcasmo.

Em 1977 e lança o disco O dia em que a terra parou, com o sucesso da música Maluco Beleza, que posteriormente foi utilizado como apelido por todos seus fãs.

No ano de 1978, já com problemas de saúde, causado por alcoolismo, grava o disco Mata Virgem, com a faixa Judas, na música o artista Raul Seixas cita que Judas traiu para que hoje o mundo e os cristãos tivessem a imagem da cruz.

Essa música do artista como outras vai ser a análise das letras no próximo capítulo em que Raul Seixas faz algumas críticas religiosas onde envolve o anticlericalismo

4 ELEMENTOS DA RELIGIOSIDADE, E CRITICAS DE RAUL SEIXAS.

No contexto cultural em que o cantor e compositor Raul Seixas expressava as suas ideias, o país vivia um período de turbulência política ocasionado pelo governo civil-militar que perseguia constantemente seus opositores, submetendo-os a prisões, torturas e mortes. Raul Seixas era contrário á repressão militar, e criticava o modelo econômico capitalista vigente, ocasionando desta forma diversas tensões com os dirigentes do país.

Dentre as músicas gravadas pelo artista, que tratavam de inúmeras temáticas do cotidiano brasileiro, destacamos para nossas análises àquelas diretamente relacionadas ao mundo religioso, tais como: Al Capone, Rock do Diabo, Novo Aeon, Judas, Pastor João e a igreja invisível, nas quais expressava seu anticlericalismo e o colocava na linha de frente no embate religioso.

Durante a década de 70, Raul Seixas gravou discos excelentes, que ainda hoje fazem sucesso entre jovens que sequer haviam nascido na época. Aos poucos, foram crescendo também as sugestões provenientes de grupos religiosos de que o cantor havia feito pactos com o diabo. Algumas publicações religiosas da época alertavam os jovens a respeito do perigo em que constituía a figura do maluco-beleza. Não se contentavam em mencionar seu envolvimento com drogas ou o fracasso de seus sucessivos casamentos, também insistiam em qualificá-lo como um agente do diabo, um artista endemoniado. (CALVANO, 2010, p.65).

Em 1973, com o disco Krig-Áh-Bandolo, Raul Seixas ficou conhecido nacionalmente junto com seu parceiro musical Paulo Coelho, através da música Al Capone, nela o cantor sustenta que se Jesus Cristo tivesse abandonado seu pai teria escapado da morte, a letra afirma,

Hei Al Capone, vê se te emenda, já sabem do teu furo, nego, no imposto de renda. Hei Al Capone, vê se te orienta assim dessa maneira nego, Chicago não agüenta. Hei Júlio César vê se não vai ao senado já sabem do teu plano para controlar o Estado. Hei Lampião, dá no pé desapareça, pois eles vão à feira exibir tua cabeça. Hei Jimi Hendrix, abandona o palco agora faça como fez Sinatra, compra um carro e vai embora. Hei Jesus Cristo, o melhor que você faz é deixar o pai de lado, foge prá morrer em paz. (Raul Seixas, 1973).

Para Raul, se Jesus tivesse seguido seu próprio caminho e abandonado seu pai, deixando de lado suas diretrizes, talvez não tivesse morrido pendurado em uma cruz e provavelmente vivido por mais tempo, morrendo em paz e não como uma morte trágica como relata a bíblia.

De acordo com a Bíblia, Jesus Cristo foi enviado por Deus com a missão de ser morto, pregado em uma cruz em intenso sofrimento com a finalidade de eliminar o pecado da humanidade. Assim, o artista se apropria da história bíblica dando-lhe uma nova narrativa, aconselhando Jesus a fugir de um destino já traçado e experimentar outras mortes menos dolorosas e, quem sabe ainda, viver muito mais sem ser submetidos a todas as humilhações a qual foi submetido.

No disco Novo Aeon de 1975, a música Rock do Diabo o cantor afirma:

Existem dois diabos, só que um parou na pista. Um deles é do toque o outro é aquele do exorcista. O Diabo usa capote é Rock é toque é forte. Foi ele mesmo que me deu o toque. Enquanto Freud explica. O Diabo fica dando os toques. (Raul Seixas, 1975).

Tradicionalmente, o cristianismo usa a figura do Diabo como um anjo que caiu do céu por ter a pretensão de superar a Deus, esta arrogância seria supostamente a causa de todo o mal que habita nas pessoas, ou seja, uma influência direta do diabo.

De acordo com a música, o Diabo era próprio rock, pois este ritmo era considerado contestador, fazendo com que as pessoas mudassem a forma de ver o mundo, questionando a normalidade das coisas, inclusive os dogmas religiosos que oprimem a livre ação dos indivíduos, afastando-os da sociedade alternativa.

Raul Seixas ainda sugere, de forma cômica, que o Diabo é quem “dá o toque” para que os rockeiros usem de suas letras para contestar o conservadorismo religioso, enquanto outro (as igrejas) é o exorcista que por meio de suas prédicas buscam expulsar os demônios em pessoas.

“A música Rock do diabo é rechaçada pelas pessoas religiosas e que têm medo destas músicas que tratam de temas espinhentos como Deus, Diabo, Céu e Inferno”. (LUCENA, 2009, p.44)

A música Novo Aeon, que também é o nome da capa do disco, pode ser considerada uma das mais místicas produzidas por Raul Seixas.

Como foi citado anteriormente, Novo Aeon era nome que ele dava para a Nova Era de Áquario, tão exaltada pela contracultura e portadora de uma sociedade alternativa.

“No entanto, para o fanático religioso, ela é a substituição do culto a Jesus Cristo pelo culto ao diabo”. (BOSCATO, 2006). Abaixo a letra completa da música:

O sol da noite agora está nascendo, alguma coisa está acontecendo.[...], Em cada dia ou em qualquer lugar, um larga a fábrica e outro sai de lá, até as mulheres dita escrava já não querem servir mais. Ao som da flauta da mãe serpente. No páreo inferno de Adão na gente [...]. Sociedade alternativa, sociedade, novo Aeon é um sapato de cada pé de ser ateu ou de ter fé, ter prato entupido de comida que você mais gosta ser carregado o carregar gente nas costas, direito de ter riso e de ter prazer, até direito de deixar Jesus sofrer. (Raul Seixas, 1975).

Nessa música o Raul Seixas fala da chegada do Novo Aeon, que tem o significado de Nova Era, idealizada por Aleister Crowley, que foi um influente ocultista britânico do século XIX á XX. Ele era contra os valores morais e religiosos do seu tempo, defendendo o amor livre.

A música também cita a serpente tentadora do jardim de Éden, segundo a bíblia, a serpente foi o animal que atentou a Eva a comer do fruto proibido onde ofereceu a Adão e assim caíram em tentação. Raul Seixas usa o anticlericalismo para mais uma vez contestar a crença cristã sobre tais fatos.

A morte, na Bíblia, é conseqüência do envolvimento sexual, da perda da inocência ou do ganho da consciência [...]. a serpente surge no texto bíblico como sabedoria pagã que se opõe ao saber de Deus [...]. A mulher era o próprio serpente. (LUCENA, 2009, p. 67-68)

O protestantismo, uma das correntes do cristianismo, teve expressivo crescimento nos anos oitenta, inundando as televisões e os rádios com suas pregações. Para esta denominação religiosa Raul Seixas era a expressão do mal, responsável supostamente por desvirtuar parte da juventude:

No LP de 1978, Raul Seixas gravou outra composição que alimentou ainda mais esse preconceito religioso contra ele: a canção chamava-se Judas [...] e nela o compositor reclamava ter Judas desempenhado um importante papel no plano da salvação e que, portanto, sua memória deveria ser reabilitada. [...] Os grupos religiosos deram-se por satisfeitos. Era a prova que precisavam. Só mesmo um homem possuído pelo demônio para propor a reabilitação teológica de Judas.[...] Anos mais tarde, numa de suas últimas entrevistas pouco antes de morrer, Raul Seixas contava essas histórias e declarava ter, de fato, se aproveitado da paranóia religiosa. Ele conta, por exemplo, que às vésperas do lançamento de seu último LP, o título ainda não havia sido escolhido. Nenhum dos títulos sugeridos parecia ser adequado. Algumas semanas antes da decisão final, enquanto fazia um show, um grupo de religiosos distribuía aos jovens que compravam ingresso um folheto qualificando o local do show como "panela do diabo". Um dos folhetos chegou às mãos de Raul Seixas e ele imediatamente percebeu que ali estava o título do novo trabalho: A panela do diabo.. (CALVANI, 2010, p.65).

Em 1978, no disco *Mata Virgem*, Raul Seixas elogia Judas como sendo o salvador da humanidade, justificando que se ele não estivesse traído Jesus Cristo, além de não ter salvado o mundo do pecado, não existiria a imagem sagrada da cruz. Como foi citado anteriormente por Calvani, Raul Seixas alimentou ainda mais o preconceito que o seguia por alguns fanáticos religiosos.

Na música *Judas*, Raul Seixas cita Judas como um homem bom, contrariando as diretrizes do cristianismo, em uma parte da música o cantor afirma:

Parte de um plano secreto amigo fiel de Jesus, eu fui escolhido por ele para pregar-lo na cruz [...]. Seu eu não tivesse traído morreria cercado de luz e o mundo hoje então não teria a marca sagrada da cruz. (Raul Seixas, 1978)

Segundo a Bíblia, Judas foi um discípulo de Jesus Cristo que o traiu em troca de algumas moedas entregando-o ao Império Romano que o executou e o humilhou em frente a seus seguidores, terminando seu julgamento com a execução na cruz.

Nessa música de 1978, Raul Seixas expressa em suas letras que Judas traiu realmente para que a imagem da cruz se espelhasse pelo mundo como um símbolo sagrado, e por isso não deveria ser tratado como um traidor, mas como alguém que fomentou o próprio cristianismo. Desta forma, Judas foi um homem bom e foi ele e não cristo que morreu para que os pecados da humanidade fossem perdoados e que o traidor tinha que ser anistiado por esse ato de bondade.

Raul Seixas, em parceria com Marcelo Nova lança em 1989 seu último álbum *A panela do Diabo*. Marcelo Nova foi um parceiro que ajudou Raul Seixas na pior fase de sua vida e juntos além de compor, viajaram o país executando cerca de 50 shows. No disco a música *Pastor João e a Igreja Invisível*, foi a que sofreu diversos ataques de evangélicos por seu conteúdo anticlerical.

Como foi referenciado por Calvani, durante um show de divulgação do disco no interior de São Paulo, Raul e Marcelo, foram recebidos por alguns religiosos com palavras de ordem e panfletos alertando aos jovens a não assistirem a dupla, pois os mesmos eram a “encarnação do demônio”. A letra da música expressa o seguinte,

Eu não sei se é o céu ou inferno. Qual dos dois você vai ter que encarar[...] se o pecado fica sempre ao seu lado, e o demônio vivia lhe tentar chegou à luz do fim do seu túnel minha filha, o meu cajado vai lhe purificar. Pois eu transformo água em vinho chão e céu, pau em pedra cuspe em mel. Para mim não existe impossível. Pastor João e a igreja invisível[...]. (SEIXAS;NOVA; 1989).

Com essa música a dupla faz duras críticas a alguns protestantes fanáticos que usavam o nome de Cristo para impor o medo do inferno a seus crentes, e que apenas seguindo a palavra de Deus, conforme eles interpretavam, é que os fieis de boa índole na terra encontrariam o reino dos céus. A dupla aproveita para fazer brincadeira sobre o medo do Diabo e suas tentações da carne. E sucessivamente mistura o milagre que Cristo tinha feito na terra e que os que tenham fé poderiam fazer os mesmos milagres.

A figura de Raul Seixas sempre foi contestada por algumas parcelas das igrejas cristãs por ser místico e irreverente. Os motivos pelos quais que existem muitas interdependências para observar na tentativa de compreender a configuração de Raul Seixas e as influências de algumas músicas aqui selecionadas como uma forma de crítica religiosa.

Raul Seixas gravou discos excelentes, que ainda hoje fazem sucesso entre jovens que sequer haviam nascido na época. Aos poucos, foram crescendo também as sugestões provenientes de grupos religiosos de que o cantor havia feito pacto com o diabo. Algumas publicações religiosas da época alertavam os jovens a respeito do perigo em que constituía a figura do maluco-beleza. (CALVANI, 2010, p.65).

Raul Seixas era muito inquieto e não perdia a chance de criticar todas as instituições sociais possíveis e principalmente as igrejas. Praticamente os mais criticados eram o catolicismo e o protestantes. O cantor usava as suas músicas e o seu anarquismo para criticar o conservadorismo religioso. Raul utilizava-se de seu talento e sarcasmo pra produzir músicas que exprimiam a situação do povo brasileiro durante os anos setenta e oitenta, possibilitando-nos entender aquele contexto.

Raul botou para fora, sem medo, todos os seus medos. Vomitou as pedras que havia engolido pelo caminho e saiu da imobilidade. Perdeu o medo da chuva, do escuro, do invisível. A primeira pedra que chutou foi a religião. Tinha admiração especial por Cristo, pelo seu caráter heróico [...] (LUCENA, 2009, p.58)

O artista com suas idéias e irreverência nos seus mais de vinte anos de carreira musical, ele sempre questionava e criticava a sociedade vigente, tanto com contexto político quanto no religioso.

Com parceiros musicais desconhecidos ou conhecidos sempre alfinetava o conservadorismo religioso, usando o anticlericalismo em algumas de suas músicas. Assim, as músicas de Raul Seixas podem ser usada como fonte de entendimento em um contexto histórico para serem analisados os processos que o país vivia no final do século XX e sucessivamente no contexto atual que vive o país.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos analisar as letras de suas músicas que contestava o anticlericalismo, Raul Seixas além de fazer críticas contra o regime brasileiro vigente também se posicionava contra o conservadorismo religioso com muita criatividade. Devido a isso, podemos fazer um estudo em um contexto histórico em que vivia o país na década de setenta a oitenta, a sua importância na cultura brasileira onde usou vários ritmos desde o baião, ao rock para passar a importância de suas idéias através da música contra toda forma de opressão.

Raul Seixas dá ao indivíduo como único, com seu poder pessoal próprio e a capacidade de negar qualquer autoridade que o submeta. Opondo-se aos sistemas políticos e religiosos, dado ao conservadorismo. Com base nesse trabalho temos uma compreensão do contexto em que Raul Seixas expôs suas idéias em uma época em que compor músicas era um perigo pelo o Brasil está vivendo em um regime militar, tal qual o artista Raul Seixas contestava o sistema ao todo o tipo de conservadorismo.

As conclusões através desse estudo acerca da obra de Raul Seixas podem ser discutidas a idéia de apresentar uma alternativa à sociedade brasileira que vivia os rumores do regime militar, e seguindo as análises das músicas que a intolerância religiosa de alguns fanáticos, e que essa intolerância ainda está presente em nossa sociedade.

Enfim, muitas outras questões continuam em aberto. Mas acredito que esta pesquisa tenha contribuído para entender como se deu a trajetória inicial de Raul Seixas, destacando o anticlericalismo em algumas de suas músicas, e como o artista se posicionava perante a intolerância religiosa que é vista desde os dias atuais por alguns cristãos conservadoristas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Luciana. **Raul Seixas e o Sonho da Sociedade Alternativa**. São Paulo: Martin Claret, 1993

BOSCATO, de Lima Alberto Luiz. **Vivendo a Sociedade Alternativa: Raul Seixas no Panorama da contra Cultura Jovem**. (Tese de Doutorado em História Social)-apresentada à FFLCH/USP. Sobe a orientação do Prof, Dr. Marcos Antonio Silva. São Paulo. 2006.

CUNHA, Magali do N. **Protestantismo e sociedade brasileira: caminhos, descaminhos e perspectivas da trajetória evangélica no espaço público**. 2012.

FERREIRA, Bianca M. **A sociologia de Raul Seixas: A arte como espelho social de sua época**. Belo Horizonte: UFMG, 2013, p.96.

HABERT, Nadine. **A década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira**. São Paulo: ED. Ática, 1992. 95p.

LUCENA, Mario. **Raul Seixas: Metamorfose Ambulante**. (Vida, alguma coisa acontece; morte, alguma coisa pode acontecer). 1ª. Ed. São Paulo: BA, 2009. 256p.

MENDES, André C. M. **As “muitamorfozes” ambulantes no rock de Raul Seixas: crítica cultural, social e estética durante a repressão da ditadura militar**. (1969-1976). Curitiba: UFPR, 2003, p.53.

MORGANA, Vieira Modolon. **A Ditadura Militar em Criciúma. Aspectos da Repressão e Resistência**. 62f. Monografia (Pós-Graduação em História) - Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma. 2013.

SOCCAS, Marlene. **Meu querido Paulo**: 1.ed. Criciúma, SC: Ed do autor, 2014. 282p.

SOARES, Igor José. **A sociedade alternativa de Raul Seixas**. Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais, da Universidade Vale do Rio Docê. Governador Valadares/MG. 2009